



## Dossiê/Dossier

### Escolarização, livros escolares e movimentos migratórios

Schooling, school books and migratory moving

Escolarización, libros escolares y movimientos migratórios

Scuole, libri scolastici e movimenti migratori

### Organização

Terciane Ângela Luchese  
Universidade de Caxias do Sul (Brasil)  
<https://orcid.org/0000-0002-6608-9728>  
<http://lattes.cnpq.br/7640634913198342>  
[taluches@ucs.br](mailto:taluches@ucs.br)

Alberto Barausse  
Università degli Studi del Molise (Italia)  
<https://orcid.org/0000-0002-8326-046X>  
[barausse@unimol.it](mailto:barausse@unimol.it)

### Apresentação

A Itália, assim como Alemanha, Polônia e Espanha, para mencionar apenas alguns europeus, se constituíram em países de emigração e o Brasil de imigração, acentuadamente entre meados do século XIX e primeiras décadas do século XX. A presença de movimentos migratórios nos provoca a pensar a transnacionalidade e a necessária suspensão de recortes de pesquisa que se pautem exclusivamente no contexto das fronteiras nacionais. Pensar as relações entre processos de escolarização e produção de livros escolares, permeado pelo olhar dos movimentos migratórios é o intuito principal deste dossiê. Atentamos para as ideias que circularam por meio dos materiais escolares que foram produzidos em épocas distintas e com intuítos diferenciados. Compreendemos que no interior das escolas se encontram e confrontam culturas e, por meio de olhares históricos, é possível compreender a diversidade étnica, bem como a pluralidade de práticas e de itinerários. Tal movimento investigativo também é importante para os interessados em compreenderem a história das instituições escolares. Especial atenção reside nos materiais escolares produzidos pelo governo italiano e distribuídos entre imigrantes no contexto brasileiro.

Para tal, consideramos que os livros são portadores de valores morais, sociais e éticos, são expressões dos modos de pensar e compreender o que a educação escolar deve ensinar às novas gerações. Percorrer as páginas de manuais e livros escolares significa, para os historiadores da educação, compreendê-los na sua produção, interrogá-los na sua circulação, apropriação e nos modos como foram preservados e nos chegam até a contemporaneidade. Livros escolares podem ser pensados como guias que buscaram conduzir professores e alunos em suas práticas pedagógicas ao serem portadores de conteúdo, reveladores de intenções e projetos políticos de formação sociocultural. Os livros, quadros murais e impressos analisados nesse Dossiê são entendidos como mediadores culturais que permitem pensar concepções políticas para a educação escolar produzida pelo Governo Italiano para regular as escolas italianas do exterior, aqui investigadas especialmente aquelas do Brasil. Ou produzidos no Brasil para promover renovação pedagógica por meio de quadros murais ou ensino de disciplinas como a de Trabalhos Manuais. Atentar para a similaridade de algumas práticas e pensar como os materiais escolares, em especiais os livros e impressos escolares, são portadores e difusores de modos de ser, pensar e viver, constituem o fio condutor dos artigos aqui reunidos.

O primeiro artigo, “Patria, razza e civiltà. Le istruzioni per um’emigrazione di successo nei manuali scolastici di Geografia Italiani tra fine ‘800 e inizio’900” (Pátria, raça e civilização: as instruções para a emigração de sucesso nos manuais de Geografia italianos entre o final do 800 e início do 900) de Paolo Bianchini analisa um conjunto de livros escolares de geografia que circularam na Itália em escolas primárias e secundárias e que tratam a questão da emigração italiana, referindo o papel da escola e dos manuais escolares de geografia, em especial, na construção de conceitos centrais como pátria, raça e civilização, que ainda hoje são fortemente influenciados pelas imagens e ensinamentos constituídos nos séculos passados.

O segundo artigo do dossiê, intitulado “Uma impronta di italianità”: os livros didáticos para escolas étnicas italianas no Brasil entre liberalismo e fascismo de Alberto Barausse aprofunda a análise do processo histórico das políticas empreendidas pelo Governo Italiano no processo de seleção dos livros escolares a serem produzidos e adotados nas escolas no exterior. Atenta para as dinâmicas e complexas relações de acompanhamento e desenvolvimento da escolarização, dos processos culturais e formativos, sobretudo identitários, dos colonos italianos no Brasil, entre a segunda metade do século XIX e a fim dos anos 30, do século XX. Considera que os livros didáticos foram, desde o começo da experiência da unificação italiana, um instrumento fundamental para as classes dirigentes que tinham por finalidade modernizar e, sobretudo, homogeneizar e uniformizar o ensino nas escolas em sentido nacional. Ressalta a italianidade como objetivo a ser difundido, como sentimento de interligação com a Pátria-Mãe, as estratégias mobilizadas variaram e o entendimento de italianidade também.

O texto “Scuole Italiane all’estero: livros de leitura para as escolas italianas no Brasil (São Paulo/SP, 1911 – 1931) de Claudia Panizzollo analisa um dos livros produzidos na Itália e publicado pela Editora Bemporad que circulou intensamente pelo Brasil. O livro *Piccolo Mondo, letture per Le scuole elementar*, de 1910, de autoria de Fanny Romagnoli e Silvia Albertoni atravessou o oceano e chegou à *Escola Principe di Napoli*. Escrito para as escolas da península italiana circulou também nas escolas *all’estero*, e merece destaque a longevidade da publicação, sendo sua última edição no ano de 2011. *Piccolo Mondo* conforme Panizzollo apresenta uma preocupação com o ensino científico e valoriza as Ciências Naturais. O livro apresenta um conjunto de historietas que abordam temáticas voltadas à higiene, à saúde, à morte adulta e infantil e à nutrição, aos remédios e vacinas e às plantas. Na análise de Panizzollo, Romagnoli e Albertoni destinaram significativo espaço para o aprendizado da civilidade, buscando disciplinar as almas dos pequenos italianos ou seus filhos, por meio de

coerção exercida sobre o corpo, além de impor à coletividade de crianças uma mesma norma de comportamento considerado adequado e aceitável, o que se faz por meio da transmissão de valores como bondade, caridade, paciência, trabalho, respeito aos mais velhos, ao mesmo tempo em que se busca distanciar as crianças do orgulho, do apego aos valores materiais, da preguiça, da cobiça, entre outros sentimentos. Em suas páginas emerge um projeto, ao mesmo tempo, civilizatório e de constituição da italianidade.

No quarto artigo, “‘E não nos deixeis cair em tentação’: livros de leitura religiosa do governo fascista para as escolas italianas no Brasil (anos 20 e 30 do século XX), Terciane Ângela Luchese atenta para a produção, a circulação e as estratégias de (con)formação postos em jogo pelos dois volumes do livro *Lecture di Religione*, distribuídos gratuitamente aos alunos das escolas italianas do Brasil. Os livros foram escritos e compilados por Giuseppe Fanciulli, também conhecido como Maestro Sapone. Italiano nascido em Firenze, com formação em Filosofia, Psicologia e Direito, publicou inúmeros livros para as escolas italianas recomendados pelas comissões no período fascista abordando temáticas diversificadas como História e Leitura. As duas obras de *Lecture di Religione* contavam com páginas inteiras ilustradas por Beryl Tumiatì. Eram portadores de uma proposta educativa ligada à ideologia fascista que não deixou de considerar e construir a relação entre pátria (fascista), conduta moral, religião e família. O texto analisa as aproximações entre fascismo e catolicismo no contexto italiano e sua repercussão na produção e envio de livros escolares para as escolas étnicas italianas no Brasil, destacando-se que se trata de dois dos poucos manuais publicados para ensino religioso para as escolas italianas no exterior.

O quinto artigo, intitulado “O *ethos* do trabalho como signo de modernização pedagógica: artes de fazer prescritas na imprensa pedagógica (Minas Gerais, 1925 – 1934)” de Marcus Aurélio Tabora de Oliveira entrelaça a noção de economia moral, de Edward Thompson e trabalho desenvolvida por Hannah Arendt, para discutir a presença dos Trabalhos Manuais no contexto das Minas Gerais nas décadas de 1920 e 1930, tendo como referência a Revista do Ensino, publicada a partir de 1925, mas com destaque ao livro Trabalhos Manuais Escolares, de Manuel Penna, de 1934. O autor considera que essas publicações representam como intelectuais e agentes públicos buscaram estabelecer parâmetros para a escola pública brasileira, objetivando renovar pedagogicamente a escola, a par da urbanização, industrialização e combate ao desprezo pelo trabalho manual no Brasil.

O último artigo, “Um olhar alemão para a escola brasileira: Carl Ernest Zeuner desenhando quadros murais (1963 – 1969)” de Maria Helena Camara Bastos analisa os suplementos didáticos ou quadros murais, encartados mensalmente e destacáveis, também denominados “Material Didático para as Classes do Curso Primário” e que circularam junto à Revista do Ensino no Rio Grande do Sul. Esses quadros murais foram desenhados pelo imigrante alemão Carl Ernest Zeuner, formado na Academia de Artes Gráficas de Leipzig/Alemanha e que chegou ao Brasil em 1922, radicando-se em Porto Alegre. Foi pintor, desenhista e ilustrador, permanecendo por quatro décadas na Livraria e Editora Globo. Na década de 1960, seus desenhos ilustraram os quadros murais, a partir das orientações da direção do periódico. A observação e experimentação visual possível pelos quadros murais produziram representações que puderam ser lidas e fomentaram uma formação moral, cívica, religiosa e patriótica.

Chartier (1990) afirma que o livro, mas também outros impressos como jornais e revistas, são materialidades que colocam em circulação ideias sobre os quais podemos questionar processos de produção, conteúdos e discursos de que são portadores. Podemos, a partir desses documentos perscrutar a distribuição e a apropriação em diferentes espaços e tempos, além de sua preservação. É em torno dessas questões e da compreensão dos movimentos migratórios e sua relação com a escolarização que os pesquisadores se articulam para pensar a História da Educação. No conjunto, os textos desse dossiê permitem

compreender as políticas de seleção e produção de livros escolares pelo governo italiano e destinados às escolas no exterior, atentando para a circulação e a distribuição dos livros, bem como a compreensão, a partir da análise de alguns dos exemplares – vinculados à leitura, ao ensino histórico-geográfico, à ciências e à religiosidade – dos modos como se buscou educar os italianos e seus descendentes no interior das escolas étnicas italianas no Brasil, entre o final do século XIX e primeiras décadas do século XX. Também atenta para a inserção de Trabalhos Manuais na escolarização percebendo as relações cruzadas entre trabalho, economia moral e renovação pedagógica, além de atentar-se para a produção e a circulação dos quadros-murais na Revista de Ensino do Rio Grande do Sul, outra materialidade educativa do olhar que produziu representações e resultou do trabalho do imigrante alemão Carl Zeuner. Caminhos interpretativos cruzados sobre o passado da escola e suas materialidades em circulação e que buscaram educar, mobilizando memórias sobre processos identitários, civismo e patriotismo.

### **Referência**

Chartier, R. (1990). *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa, Portugal: DIFEL.